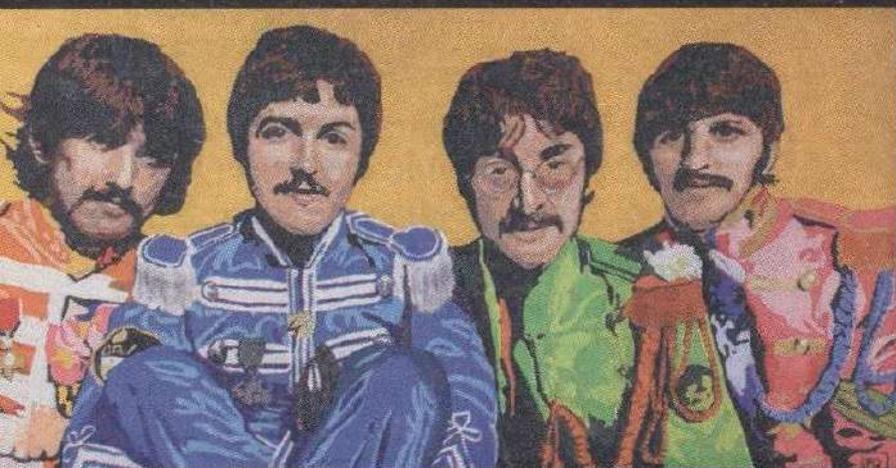


Conheça três pessoas que se recusaram a permitir que a deficiência as impedisse de realizar seus sonhos

UM HOMEM CONCENTRADO

Todo artista sonha em compartilhar o que vê. Para Matt Rhodes, do Reino Unido, com 37 anos e oficialmente cego, esse seria um sonho impossível. Mas, nos últimos 17 anos, Matt se recusou a aceitar a impossibilidade.

Em 1995, na Alemanha, ele foi derrubado da motocicleta quando servia no regimento de Devonshire e Dorset. O jovem soldado teve o lado direito paralisado e a visão reduzida à metade da área de uma moeda de 10 centavos.



Três anos após uma série de programas de reabilitação, com períodos no hospital do Exército de Headley Court, na Inglaterra, e na instituição Blind Veterans UK (Veteranos Cegos do Reino Unido), Matt, que é casado e tem quatro filhos, derrubou a previsão dos médicos: reaprendeu a andar e reconstruiu sua vida.

Os incrí

POR E. JANE DICKSON
FOTOGRAFADO POR MARK MCNULTY



veis

Ele diz que foi a camaradagem de outros militares incapacitados que o fez avançar. “Na Blind Veterans, havia um garoto de 18 anos ferido no Afeganistão e um homem de 113 que lutara na Primeira Guerra. Isso faz a gente reavaliar a própria situação.”

Mas entre os civis o apoio é menor. “Arrasto a perna esquerda ao andar e, ao entrar num pub, sinto-me como um caubói cambaleando pelas portas do *saloon*. Certa vez, caí na rua às nove da manhã e as pessoas simplesmente passaram por cima de mim.”

Matt, porém, resolveu apresentar uma visão mais positiva da deficiência. Embarcou numa série de aventuras: experimentou voo livre, nadou uma milha entre dois quebra-mares e, com um guia, completou as maratonas de Londres, em 2007, e de Brighton, em 2010 – nesta última, levou dois dias. Mas suas realizações o deixaram cada vez mais exausto. Ele sabia que precisava de um desafio menos físico.

Matt experimentou diversas atividades na Blind Veterans e descobriu o talento para a arte. Com o minúsculo campo de visão, pintar era um processo extenuante. Ele precisava



Matt com seu quadro dos Beatles, visto na página anterior.

“O corpo é como um veículo. Ele nos leva de A a B, mas nós é que estamos no controle.”

construir os retratos com fotos ampliadas, centímetro por centímetro. Naturalmente destro, também teve de trabalhar com a mão esquerda. Ainda assim, para ele, “pintar era imensamente prazeroso. Era um passatempo que produzia algo tangível. Eu não podia ver a obra final, mas os outros podiam. Quando diziam ter gostado, sentia-me realizado”.

A princípio, pintou retratos relativamente fáceis, alguns de celebridades, mas a técnica avançou rápido e lhe permitiu

explorar temas mais complexos, como uma cena dinâmica de paramédicos do Exército no Afeganistão.

Em dois anos de pintura, passou a ganhar a vida com encomendas e, leiloando as telas, arrecadou mais de 5 mil libras para a Blind Veterans e outras entidades. Em 2011, um retrato da cantora Vera Lynn foi vendido por 3 mil libras – dinheiro destinado a um fundo de paralisia cerebral. Os quadros mais recentes são de atletas paraolímpicos, doados ao hospital de Headley Court.

“Vejo o corpo como um veículo”, diz ele, “que nos leva de A a B, mas nós temos o controle. O meu pode ter dois pneus furados e os faróis queimados, mas ainda sou o motorista.”

NENHUMA MONTANHA É ALTA DEMAIS

No seu 40º aniversário, Sally Hyder lutou com as muletas até o alto da serra de Ptarmigan, na Escócia. Ela adora caminhar nas montanhas. O marido Andrew a pediu em casamento no acampamento base do Monte Everest, em 1998, e nos fins de semana eles encaravam os Munros – picos escoceses com mais de 900 metros. Mas a es-

clerose múltipla limitou o horizonte de Sally. A viagem de aniversário foi a despedida emocional das montanhas.

“Eu sabia que a esclerose múltipla estava muito pior”, diz Sally, mãe de três filhos que mora em Edimburgo. “Achei que seria meu último Munro.”

Como previsto, o curso da doença se acelerou. Aos 50 anos, Sally está há 10 na cadeira de rodas e sente dores crônicas. No ano passado, ela excedeu as expectativas ao se tornar a primeira



Sally Hyder com Harmony, seu braço direito.

cadeirante a chegar ao pico do Ben Nevis sem ser carregada.

Era uma candidata improvável para a radicalidade necessária. “Não consigo me sentar ereta por muito tempo sem sentir dor, e a perda sensorial da cintura para baixo me deixa sem equilíbrio. E meus braços não funcionam bem.”

Até abril de 2009, ela relutava em sair de casa por causa da doença. Então a entidade Canine Partners lhe forneceu Harmony, um labrador que pode pegar coisas no chão para Sally, esvaziar a máquina de lavar, ajudá-la a se vestir e abrir portas. O mais importante é que ele forçou Sally a redescobrir a vida ao ar livre.

“Uma das regras da entidade é que temos de dar ao cão um período de diversão, no qual ele seja só um cachorro. Isso significa uma hora de exercício sem guia todos os dias. Sair com Harmony ligou o interruptor daquela parte do meu cérebro que adorava a atividade física.”

Cadeirantes já foram carregados até o alto do Ben Nevis. O xisto perto do topo é sabidamente traiçoeiro. Mas Sally estava decidida a conseguir com sua “cadeira esportiva” para todo tipo de terreno – embora com uma equipe



Levar a tocha olímpica foi “a melhor coisa que já fiz”.

de bombeiros e fuzileiros navais para puxá-la nas partes mais íngremes da descida. Era preciso ficar quase deitada na cadeira.

“Minhas pernas ficavam caindo e pedi que amarrassem meus joelhos e tornozelos na cadeira. Isso foi assustador. Sem deficiências, uma pessoa pode descer depressa. Mas com as pernas amarradas não dá para fazer nada.”

Só que ela conseguiu – e arrecadou 6 mil libras para a

Canine Partners. Em 2011, Sally esquiou, velejou, mergulhou e voou num ultraleve. Neste ano, pretende terminar o desafio dos “Três Picos” subindo o Snowdon e o Scafell Pike. Em junho passado, carregou a tocha olímpica.

“Foi a melhor coisa que já fiz”, conta. “Passei pela Royal Mile, o trajeto histórico de Edimburgo. Alguns policiais me ajudaram a andar. Ou melhor, a me arrastar.”

No tempo livre, Sally dá palestras para deficientes. “A vida continua após um diagnóstico terrível, mas é preciso respeitar o caráter e as circunstâncias de cada um. Ninguém precisa de esportes radicais. O Ben Nevis de alguém pode ser se levantar da cama. A conquista vem um centímetro por vez.”

A SENSACÃO MAIS DOCE

Alison Stephenson se apaixonou pela flauta ainda criança. “Era vistosa, brilhante e bonita, algo que me atraía, como se fosse feita para mim.”

Era o começo de uma jornada musical extraordinária para a jovem de 29 anos deficiente auditiva. Incapaz de ouvir o que executa, Alison toca flauta em recitais e vivencia a música como um fenômeno visual e sensorial.

“Sempre fui muito teimosa”, admite ela, alegre. “Quando dizem que não posso fazer alguma coisa, aí é que me esforço ao máximo para provar que estão errados. Minha primeira experiência com música foi na escola, aos 7 anos. Eu aprendera a linguagem de sinais e a ler lábios, e estava numa escola estadual comum. A professora disse que eu não podia entrar no grupo de flauta doce por causa da falta de audição. Mas comecei a tocar e, no fim, eles cederam. Perceberam que eu conseguia e que era boa. Foi ótimo, porque participar do grupo fez com que eu me sentisse ‘normal’.”

Alison logo passou para a flauta transversa e, estimulada pelos professores, aos 12 anos tocava numa orquestra de jovens e num grupo de sopros, além de se apresentar na igreja e em eventos para caridade.

Como ela conseguiu? “Quando comecei, usava um espelho para aprender a embocadura necessária para cada nota e, quando a professora dizia estar certo, decorava a vibração correspondente no meu corpo.”

Ela inunda a música de timbres e emoções visualizando sua “história”. “Posso ‘ver’ uma peça empolgante e vivaz, com notas curtas, como uma menina num pula-pula, as marias-chiquinhas subindo e descendo. A menina feliz é como ‘sinto’ o *allegro*, e os movimentos rápidos e isolados do brinquedo dão a noção do *staccato*.”

Casada e com dois filhos, ela trabalha numa administradora de imóveis na Inglaterra, mas toca quando pode – a música é sua “válvula de escape”.

“Muitas vezes viver em silêncio é frustrante. Mas, se estou triste, posso tocar uma peça rápida e agressiva sem ferir ninguém.”

Alison se dedica a remover barreiras para quem tem problemas de audição e orienta organizações infantis a tornar suas atividades mais apropriadas para deficientes auditivos.

“Nada é impossível”, afirma. “Ser surdo não significa não poder realizar os sonhos.” ■



“Ser surdo não significa não poder realizar os sonhos.”